

TEATRO DE FANTOCHES: VALIOSO RECURSO NAS MÃOS DO PROFESSOR DO ENSINO FUNDAMENTAL

*Maria Cristina Anzola Alexandre**

RESUMO:

O presente artigo pretende discutir sobre a importância do teatro de fantoches na educação de crianças, jovens e adultos, em escolas da rede pública de ensino. Este quer demonstrar que o teatro de fantoches é um recurso eficaz nas mãos do professor do Ensino Fundamental.

PALAVRAS CHAVE: Teatro de Fantoches; Ensino Fundamental; Motivação.

ABSTRACT:

The article intends to discuss the importance of the puppet theater in the education of children, youths and adults in the public school system. It intends to demonstrate that the puppet theater is an effective aid in the hands of the primary education teacher.

KEY WORDS: Puppet Theater; Primary Education; Motivation.

Introdução

A atração que o teatro de fantoches exerce, quer sobre as crianças ou adultos, vem da mais remota antiguidade: egípcios, chineses, javaneses já faziam mover os seus bonecos. A história conta que grandes artistas e escritores se inspiravam, muitas vezes, em peças de marionetes para criarem suas obras primas.

Desde o mais simples espetáculo até o mais requintado, é o fantoche uma fonte inesgotável de criação artística, de dedicação, de educação e de prazer. Por isso, e pensando na importância educacional e metodológica desse recurso artístico, optamos por analisar o teatro enquanto teoria e prática.

A proposta consiste em mostrar, através de pesquisas, como o teatro de fantoches pode ser um recurso pedagógico valioso para o planejamento e construção das aulas de diferentes áreas do conhecimento. Ele proporciona condições educacionais diferenciadas, aulas motivadoras, criativas e atrativas, aplicadas tanto para crianças, quanto para jovens e adultos. No entanto, nossa preocupação primordial nesta pesquisa, está em analisá-lo como um recurso que pode ser direcionado ao professor.

A intenção é oferecer uma alternativa de trabalho que pode ser inserida em todos os conteúdos programáticos. Afinal, este recurso contribui com eficácia no processo ensino-aprendizagem e estimula os educandos de todas as idades. Com este artigo, pretendemos proporcionar aos educadores, por meio da análise e de contribuições teóricas, algumas alternativas para o manuseamento do teatro de fantoches, pois é uma excelente opção para se trabalhar de forma dinâmica e diferenciada as diversas disciplinas do currículo.

*Aluna do 6º. Período do Curso Normal Superior do Instituto Superior de Educação Mãe de Deus, Londrina, Paraná. Este Trabalho é parte da monografia, orientada pelas Professoras do Instituto: Ângela Maria de Sousa Lima (Doutoranda em Ciências Sociais - Unicamp; professora de Prática Pedagógica) e Andréia Cavaminami Lugle (Mestranda em Educação - UEL; professora de Estágio Supervisionado).

O problema-chave que norteou a realização da pesquisa e, posteriormente, inspirou este artigo consistiu em auto-avaliar a educação básica que a autora teve, com os seus professores preocupados, simplesmente, com a transmissão dos conteúdos de maneira mecanicista. A educação, então, era voltada não para o aluno, nem para a interação entre aluno/professor. Os conteúdos eram trabalhados de maneira arbitrária e não havia o envolvimento crítico de ambas as partes.

A partir do contato com as reflexões pedagógicas atuais, percebemos que a educação passou por diversas modificações e que, atualmente, precisamos formar cidadãos críticos, envolvidos em um processo social em constante mudança, e prontos para enfrentar as igualdades e as diferenças que este contexto social coloca cotidianamente. Enfim, depois de avaliarmos todas estas situações, resolvemos defender esta teoria, pois acreditamos que, como educadores, devemos proporcionar aos nossos alunos o prazer em estudar. Assim, defendemos a idéia de que o teatro de fantoches na escola, é um veículo dinâmico para envolver as crianças, jovens e adultos na construção da sua própria aprendizagem, ou seja, ele é um recurso valioso na construção das interações entre professor-aluno, aluno-conteúdos, aluno-aluno e aluno-escola.

Através do teatro de fantoches, podemos explorar vários aspectos formativos para o desenvolvimento da criança, do jovem e do adulto e a inserção dos conteúdos, no sentido de ligar as experiências comuns dos mesmos ao plano das relações humanas.

Breve Histórico do Teatro

De acordo com relatos de um material organizado por PUNHAGUI (1984), o teatro de fantoches tem sido uma importante manifestação das artes cênicas e possui uma gloriosa história em todos os países de elevado nível cultural. Remontando à mais longínqua antiguidade, originou-se, provavelmente, em Java ou na China, tendo sido muito popular entre os gregos e os romanos.

Durante a Idade Média, o teatro ambulante, ao lado dos saltimbancos e atores acrobatas, levaram seus argumentos aos palácios e às feiras, nas grandes cidades e nas aldeias nômades e pobres, sofrendo com a fome e o pó das estradas. Tornou-se uma das artes mais populares e queridas de todos, pobres e ricos.

No Brasil, os bonecos começaram a ser utilizados em representações, no século XVI. No tempo dos vice-reis eram muitos apreciados. Foi no Nordeste que o teatro de bonecos apareceu com destaque, principalmente em Pernambuco, onde até hoje é tradição. É o teatro mamulengo, rico em situações cômicas e satíricas.

Há muito tempo grupos estão se esforçando para desenvolver o teatro de bonecos no Brasil, mas só a partir de meados do último século foi que os resultados começaram a aparecer. Nestes últimos anos, o teatro de fantoches tomou grande impulso em nosso país, com o aperfeiçoamento da atuação dos grupos, apresentando um excelente trabalho, reconhecido como forma de cultura pelos apreciadores dessa arte e pelo Serviço Nacional de Teatro (LADEIRA e CALDAS, 1993, p.11).

Hoje, após ter sido introduzido na educação, como poderoso meio pedagógico, ganha programas especiais, seja como teatro, seja como auxiliar de ensino, ao lado de outras artes.

No mesmo material, PUNHAGUI (1984), destaca que a criança com os

seus brinquedos recorre à imaginação para dar-lhes vida ou atribuir-lhes coisas que na realidade não têm. Assim o fantoche, dentro da fantástica criatividade imaginativa infantil, passa a ser seu amigo favorito, o mestre mais querido, o médico mais simpático.

Quando os fantoches são utilizados diretamente pelos alunos, tendo o professor apenas como orientador, tornam-se valiosos auxiliares da ação pedagógica. Isto porque desenvolvem múltiplos aspectos educacionais, salientando-se os relativos à comunicação. As crianças pequenas inicialmente brincam sozinhas com os bonecos. Depois interagem umas com as outras e cada uma fala por seu fantoche. É um princípio de socialização, pois cada criança começa a perceber que deve esperar sua vez para falar, que deverá ouvir o que os outros falam e que precisará respeitar a opinião dos outros.

Os fantoches confeccionados com materiais alternativos podem ser bem originais e dar ensejo à criação de histórias com variados tipos de personagens, além de estimular a criação de cenários. Com isso, as crianças desenvolvem a expressão oral e artística. Os fantoches são um permanente convite à imaginação criadora, a inserções no reino do faz-de-conta, pois transmitem aos espectadores beleza, alegria e ritmo.

Enfim, a participação direta das crianças com os fantoches no contexto educacional, proporciona nas mesmas, o desenvolvimento da percepção visual, auditiva e tátil, a percepção da seqüência de fatos (noção de espaço temporal), a coordenação de movimentos, a expressão gestual, oral e plástica, a criatividade, a imaginação, a memória, a socialização e, por fim, o vocabulário.

Muitas vezes, aqueles conselhos não aceitos dados pelos pais ou mesmo pelos professores, são acatados e obedecidos, se transmitidos pelo fantoche. Valendo-se disto, o educador poderá conseguir êxito em seus ensinamentos, sejam referentes à iniciação alfabética e numérica, como também a hábitos de higiene, preservação da natureza, cuidados com a saúde, valorização de fatos e personagens históricos, relacionamento social e familiar, enfim pertencentes aos conteúdos programáticos a serem abordados pelos professores no cotidiano escolar.

O teatro de fantoches na escola, além de educar recreando, pode favorecer a aprendizagem das matérias básicas do currículo. Ele é um recurso valioso no esclarecimento de uma nova concepção e na fixação de uma aprendizagem. O teatro de fantoches aplicado à pedagogia é de inestimável valor; não somente porque faz a criança criar, manipular e viver um teatrinho, incentivando o espírito de grupo, como também por ser uma escola viva, de bons hábitos.

Metodologia do Teatro

O teatro pode ser praticado mesmo por quem não é artista, da mesma maneira que o futebol pode ser praticado mesmo por quem não é atleta (BOAL, apud, JAPIASSU, 2003).

De acordo com JAPIASSU (2003, p.17), as artes são contempladas sem a atenção necessária por parte dos responsáveis pela elaboração dos conteúdos programáticos de cursos para a formação de professores alfabetizadores e das propostas curriculares para a educação infantil e o ensino fundamental no Brasil. Constata-se que o ensino das artes na educação escolar brasileira é considerado, por muitos professores, funcionários de escolas, pais de alunos e estudantes, como supérfluo, caracterizado quase sempre como lazer, recreação ou “luxo”, favorecendo às crianças e adolescentes das classes

economicamente mais favorecidas.

A inclusão do teatro como componente curricular da educação formal de crianças, jovens e adultos nas principais sociedades ocidentais deu-se com o processo da escolarização em massa que caracterizou a democratização do ensino no século XX. Uma explicação para esta incorporação dos conteúdos às Diretrizes Curriculares foram as exigências impostas à instrução formal pela economia. (JAPIASSU, 2003, p.20).

Segundo o mesmo autor, as justificativas para o ensino do teatro e das artes na educação escolar, inicialmente de caráter contextual ou instrumental, passaram a destacar, pouco a pouco, a contribuição singular das linguagens artísticas para o desenvolvimento cultural e o crescimento pessoal do ser humano, apresentando uma nova perspectiva para a apreciação do papel das artes na educação: a abordagem essencialista ou estética. Essa abordagem, diferentemente da perspectiva instrumental, defende a presença das artes nos currículos das escolas, como conteúdos relevantes para a formação cultural do educando.

Em sua concepção, as abordagens do teatro na educação, tanto instrumentais como estéticas, foram em grande parte determinadas pelas políticas educacionais das nações e fundamentadas, rigorosamente, em teorias psicológicas do desenvolvimento infantil. As considerações acima, nos trazem a dimensão educativa do fenômeno teatral que permite afirmar que, em todas elas a improvisação constitui o princípio pedagógico fundamental para o aprendizado do educando.

As práticas teatrais de caráter lúdico se configuram na condição de ensinar recreando, sem a qual não é possível a descoberta das muitas possibilidades de uso da linguagem teatral (JAPIASSU, 2003, p.46).

O conceito cotidiano de jogo (atividade lúdica com regras explícitas) é o ponto de partida no sistema de jogos teatrais para apropriação ativa (corporal, física), por parte dos jogadores, do conceito social de cooperação. O processo de desenvolvimento das ações cooperativas encontra na moldura dos jogos com regras, o enquadramento adequado para que o aluno possa perceber, sobretudo sensorialmente, o significado da participação no coletivo (JAPIASSU, 2003, p.73).

A nova LDB, os PCNs e o Ensino do Teatro

A educação brasileira incorporou obrigatoriamente o ensino do teatro com a entrada em vigor da Lei 5.692 de 1971, que exigiu o ensino de Educação Artística na 5ª série de 1º grau até a 3ª série do 2º grau (atuais Ensino Fundamental e Médio) em todas as escolas do país. Educação Artística foi, então, a nomenclatura instituída para designar a matéria que abordava de forma integrada as linguagens cênicas (teatro e dança), plástica e música. Antes disso, porém, o ensino das artes havia sido introduzido legalmente no currículo escolar da educação básica com a LDB de 1961 (Lei 4.024/61), de forma não obrigatória. A Lei 4.024/61 instituiu, por exemplo, a disciplina Arte Dramática, ministrada em alguns ginásios vocacionais, colégios de aplicação e escolas pluricurriculares. Esta disciplina voltava-se para a especificidade da linguagem teatral (JAPIASSU, 2003, p.49).

A instituição da Nova República e a promulgação da Constituição Democrática de 1988, acenaram com a possibilidade de elaboração de uma Nova Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, fruto do diálogo entre diversos segmentos representativos da educação brasileira. A atual LDB, Lei 9394/96, estabelece, referindo-se à educação estética, no Artigo 26, Capítulo II, a

obrigatoriedade do “ensino de arte” nos diversos níveis da educação básica. O Artigo 24 reza sobre o direito de se criarem turmas multisseriadas (alunos de séries distintas) para o “ensino de línguas estrangeiras, artes ou outros componentes curriculares.” (JAPIASSU, 2003, p.51-52).

No parágrafo único são assegurados os padrões de qualidade. A educação escolar poderá adotar alternativas de processos, estratégias e metodologias mais adequadas aos seus objetivos, às características do educando e às condições disponíveis, inclusive mediante a sua combinação com processos extra-escolares. Esse parágrafo nos leva a refletir sobre o teatro de fantoches inserido na sala-de-aula, proporcionando alternativas de recursos pedagógicos e eficiência para a fixação do conhecimento. O Artigo 48 – III, dispõe sobre o desenvolvimento da capacidade de reflexão e criação em busca de uma participação consciente no meio social (LDB-96, 1997 p.88). Com todos os escritos contidos nas leis que norteiam a educação vigente, o teatro de fantoches se torna um veículo viável na construção de um conhecimento mais prazeroso e forte. Isto fica claro com a prática, onde se pode comprovar a eficácia desta técnica dentro da sala-de-aula das escolas onde foram feitas as intervenções.

Segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs), na parte específica sobre a arte, os objetivos gerais estabelecem que no transcorrer do ensino fundamental, a criança poderá desenvolver sua competência estética e artística nas diversas modalidades da área de arte (artes visuais, dança, música, teatro), tanto para produzir trabalhos pessoais e grupais quanto para que possa, progressivamente, apreciar, desfrutar, valorizar e julgar os bens artísticos de distintos povos e culturas, produzidos ao longo da história e na contemporaneidade (PCNs-Arte, 2000, p.53). Sobre esta afirmação dos PCNs, podemos considerar que ela vem de encontro aos objetivos contidos na lei apresentada através dos PCNs de Arte.

Na rede pública não é difícil constatar que o gerenciamento autoritário das unidades de ensino, a carência de espaços adequados para o trabalho com as artes, a superlotação das classes, as instalações escolares precárias e os baixos salários pagos aos trabalhadores da educação, têm afugentado a competência profissional. Contudo, por outro lado, as pressões sociais e políticas da economia de mercado em processo de globalização e automação crescentes passaram a exigir a formação multilateral do educando, sinalizando para a valorização do teatro e das artes na escolarização dos sujeitos (JAPIASSU, 2003, p.53).

Ainda não é possível prever o espaço que terá o ensino das artes na educação brasileira daqui para frente, mas, sem dúvida, o incremento da sistematização dos saberes sobre o teatro na educação no Brasil coincide com a entrada em vigor da Lei 5.692/71, que, obrigando o ensino regular da Educação Artística na educação básica, limitou o espaço das diferentes linguagens artísticas no currículo escolar. Desde então, a produção acadêmica de estudos e pesquisas sobre o teatro e educação no Brasil têm se avolumado e desenvolvido, sobretudo no exame das diferentes abordagens – instrumentais e estéticas – do teatro na educação, tanto na vertente especificamente escolar como no âmbito da ação cultural. Concordamos com o autor, “Crianças, jovens, adultos e pedagogos devem ter também o direito a uma alfabetização estética nas diferentes linguagens artísticas”. (JAPIASSU, 2003, p.54).

A Criança e o Papel do Professor

Existem várias questões sempre presentes no dia-a-dia da sala-de-aula, tais como: de que maneira as crianças aprendem? Ou qual a melhor forma de ensinar? As respostas variam sempre de acordo com a forma pela qual o professor concebe o desenvolvimento humano e a proposta pedagógica de cada escola.

Jean Jacques Rousseau demonstrou que a criança tem maneiras de ver, de pensar e de sentir, que lhes são próprias; demonstrou que não se aprende nada senão por meio de uma conquista ativa. “Não deis a vosso aluno nenhuma espécie de lição verbal: só da experiência ele deve receber.” (apud ALMEIDA, 1998, p.22).

Percebeu ainda que só se aprende a pensar se exercita os sentidos e os instrumentos da inteligência. Rousseau destacou, também, o interesse que a criança sente ao participar de um processo que corresponde à sua alegria natural.

Para Froebel, (apud ALMEIDA, 1998, p.23), a pedagogia deve considerar a criança como atividade criadora, e despertar, mediante estímulos, suas faculdades próprias para a criação produtiva. Na verdade, com Froebel se fortalecem os métodos lúdicos na educação. O grande educador faz do jogo uma arte, um admirável instrumento para promover a educação para as crianças. “A educação mais eficiente é aquela que proporciona atividade, auto-expressão e participação social às crianças.” (FROEBEL, apud, ALMEIDA, 1998, p.23).

Já para Jean Piaget, a criança é concebida como um ser dinâmico que, a todo momento, interage com a realidade, operando ativamente com os objetos e pessoas. Essa interação com o ambiente, faz com que construa estruturas mentais e adquira maneiras de fazê-las funcionar (ZACHARIAS, 2004, p.1).

A educação, na perspectiva piagetiana, deve possibilitar à criança um desenvolvimento amplo e dinâmico, respeitando todas as fases e os fatores que influenciam o processo do desenvolvimento. A escola deve partir dos esquemas de assimilação da criança, propondo atividades desafiadoras que provoquem desequilíbrios e reequilibrações sucessivas, promovendo a descoberta e a construção do conhecimento. Enfim, para Piaget, a atividade lúdica é o berço obrigatório das atividades intelectuais e sociais superiores; por isso indispensáveis à prática educativa.

Vygotsky considera que o desenvolvimento ocorre ao longo da vida, e as funções psicológicas superiores também ao longo dela. Ele não estabelece fases para explicar o desenvolvimento, como Piaget, e para ele o sujeito não é ativo nem passivo: é interativo. Segundo o autor, a criança usa as interações sociais como formas privilegiadas de acesso a informações; isto é: aprende a regular seu comportamento pelas reações, mesmo parecendo desejáveis ou não. Vygotsky ainda afirma que é enorme a influência do brincar para o desenvolvimento de uma criança. É no brincar que ela aprende a agir em uma esfera cognitiva, ao invés de em uma esfera visual externa, dependendo das motivações e tendências internas e não dos incentivos fornecidos por objetos externos.

Muitos ainda entendem o processo ensino-aprendizagem de forma estática. Isto é, de um lado existe o professor que ensina, transmite informações, de outro lado existe o aluno, que deve escutar, esforçar-se para aprender e, na medida do possível, permanecer obediente e passivo. A escola, que atua dentro desse sistema geral, reproduz essas mesmas relações estáticas onde o professor manda e ensina e o aluno obedece, escuta e, se consegue aprender. (PILETTI, 1986, p.78).

Na nossa própria experiência escolar vivemos esta realidade, onde sempre tivemos que permanecer sentados, imóveis, passivos, impedidos de manifestar nossa opinião, de propor e de relatar. Geralmente, nem se permitia que tentássemos associar o que estava sendo ensinado com a nossa vida fora da escola e os conteúdos eram elaborados e abordados de maneira mecânica e pré-determinada.

Pensamos que a relação entre aluno e professor deve ser dinâmica, como toda e qualquer relação entre seres humanos. Para isso, o professor deverá atrair o aluno para o que está sendo estudado. Quanto mais jovem o aluno, maior a necessidade de utilizar recursos variados e não apenas “sali-va e giz”. Convém estimular todos os sentidos, através do lúdico (jogos e brincadeiras), filmes sobre o assunto abordado, aguçar a curiosidade das crianças com questões e problemas e com a inserção do teatro de fantoches como um recurso a mais nesta relação (PILETTI, 1986, p.72). A mesma afirmação vale para a educação de jovens e adultos.

No processo da educação o papel do professor é de valiosa importância, pois é ele quem cria os espaços, disponibiliza materiais, participa das brincadeiras, ou seja, faz a mediação da construção do conhecimento, segundo Vygotsky (ZACHARIAS, 2004, p.1-2).

E é com base nestes teóricos que parte do nosso trabalho de pesquisa se constrói. Temos por objetivo mostrar que a educação lúdica está diretamente ligada ao teatro de fantoches como um recurso pedagógico. Seus objetivos, além de explicar as relações múltiplas do ser humano em seu contexto histórico, social, cultural, psicológico, visam também enfatizar a importância da libertação das relações pessoais passivas, trocadas por técnicas de relações reflexivas, criadoras, inteligentes, socializadoras. Fazendo do ato de educar um compromisso consciente intencional, de esforço, sem perder o caráter de prazer, de satisfação individual e modificador da sociedade, pois o ser humano, para se constituir como tal, precisa viver em um ambiente de trocas afetivas, emocionais e culturais. A partir disso vai criando maneiras generalizáveis de lidar com o mundo, e que o vão construindo cognitiva, moral e emocionalmente.

77

A Educação de Jovens e Adultos - EJA

A história da educação de jovens e adultos sempre esteve ligada aos interesses econômicos que, mais que todos os outros interesses, determinam a vida dos países e das pessoas, especialmente dos mais pobres.

A necessidade de instrução, não tem sido negada; o que é bastante diferente de assegurar é o direito à educação. Isto vai além do direito à escola, pois passa pelo entendimento de que todos os homens são educados, através da prática social em diferentes instâncias onde esta prática se realiza (Programa 1 – Um salto para o Futuro, 1997, p.2). Continuamos, “A escola de jovens e adultos precisa, tanto quanto a de crianças, repensar a sua função social política. Pensar que, como espaço público, precisa-se fazer realmente pública, sem excluir de qualquer sujeito o direito e o acesso ao conhecimento.” (Programa 2 - Um Salto para o Futuro, 1997, p.3).

Paulo Freire propôs a metodologia dos temas geradores, de forma a valorizar o conhecimento de mundo dos alunos, sua cultura, seus problemas cotidianos e o significado destes acontecimentos reais para suas vidas.

O trabalho do professor do EJA, na perspectiva metodológica de Paulo Freire, está centrado nos temas geradores. Segundo esta teoria, o professor que trabalha com a educação de jovens e adultos precisa valorizar a baga-

R
E
V
I
S
T
A

gem de conhecimentos sobre a realidade e a história de vida que o aluno, sujeito do processo-ensino-aprendizagem, traz para o contexto escolar. Tais conhecimentos passam a fazer parte do currículo escolar e passam a ter, automaticamente, significado para a subjetividade dos sujeitos históricos envolvidos no processo de ensinar/aprender.

Interessante é traçarmos uma relação entre estas informações e a proposta do trabalho, defendida neste artigo. Mesmo não sendo mais crianças, os jovens e os adultos se fascinam, como as crianças, quando entram em contato com o teatro de fantoches. Mas é importante que o professor não os trate como crianças, cronologicamente falando. Para cada faixa etária e para cada contexto escolar, é preciso readequar os planejamentos e os diálogos, afinal não podemos esquecer que a elaboração dos objetivos devem antes partir dos interesses dos alunos.

Temas geradores foram pensados por Paulo Freire para serem utilizados na fase pós-alfabética dos educandos. As palavras geradoras são instrumentos que, durante o trabalho de alfabetização, conduzem os debates. Cada uma delas sugere e a compreensão do mundo (que é o melhor nome para a idéia de conscientização) que nos espera a ser aberta e aprofundada com os diálogos dos educandos em torno dos temas geradores, que proporcionam instrumentos de debate em grupo em busca do conhecimento. A preocupação com os conteúdos se assenta no fato de se saber, com clareza, que nenhuma ação educativa se dá no vazio, sem precisar ou definir que conteúdos se deseja ensinar. Mas, para ensinar são necessários conteúdos, que não dispensam a forma como devem ser trabalhados os métodos.

Conteúdo e forma são, portanto, indissociáveis, já que esta é, quase sempre, determinada por aquele, que carrega um modo de ver a realidade definida pela forma como se apresenta; a compreensão da forma é reduzida a puro conjunto de técnicas ligadas à aprendizagem da leitura e da escrita (FREIRE, [199...]).

Paulo Freire afirma que o conteúdo é um objeto de conhecimento, que deve ser conhecido pelo educador, enquanto ensina o educando, que só se aprende se o apreende. Não pode ser, simplesmente transmitido do educador para o educando, depositado em sua cabeça vazia, como se fosse um espaço em um banco (FREIRE, 1986, p.78).

Com isso Freire alerta para o fato de que o fundamental, ao se discutir conteúdos é relevar a natureza política e ideológica que eles têm, encobertos por uma falsa neutralidade, que tenta provar que o conhecimento é sempre desinteressado (FREIRE, [199...]). O autor, um dos maiores pensadores da educação como prática da liberdade, aborda o homem como sujeito da sua própria história. Para ele, toda ação educativa deverá promover o indivíduo fortalecendo a sua relação com o mundo por meio da consciência crítica e da libertação concreta com o objetivo de transformá-la. Assim, ninguém se atirará a uma atividade eminentemente séria, penosa, transformadora, se não tiver no presente, alegria real, ou seja, o mínimo de prazer, satisfação e predisposição para isso.

Com Freire temos a educação libertadora, que não atua somente em escolas, porém visa levar professores e alunos a atingirem um nível de consciência da realidade em que vivem, na busca da transformação social, onde o método utilizado se baseia na discussão em grupo, pois a relação entre educadores e educandos é de igual para igual, isto é, horizontal. Para essas discussões, o programa de ensino é baseado em temas geradores, que são escolhidos de acordo com a realidade e com o contexto social dos educandos. Para a alfabetização dos mesmos são tiradas as palavras geradoras, que farão parte do programa. A decodificação da palavra escrita vem em seguida

à decodificação da situação existencial codificada. Para tanto compreende alguns passos que devem, rigorosamente, se suceder.

Entender esta ação é reconhecer a prática e o exercício da cidadania, do senso crítico, os papéis sociais que os homens desempenham e as relações entre eles e entre as instituições às quais estão vinculados. Uma das funções nobres do professor na educação de jovens e adultos é promover o gosto pela arte, pois está diretamente ligada a uma verdadeira educação e não a uma domesticação.

O grande desafio deste educador está em ultrapassar a grande dificuldade que surge e que exige do mesmo um alto sentido de responsabilidade, não pela dificuldade na aprendizagem, mas sim devido à relação de igualdade que deve ocorrer entre educando e educador, durante o processo educacional em jovens e adultos.

Motivação, Aprendizagem e Arte

Se o teatro é um recurso motivador excelente, precisamos refletir um pouco sobre este conceito. O tema motivação e aprendizagem, tem sido objeto de investigação por parte dos psicólogos educacionais nos últimos anos, sendo que alguns determinantes da motivação acadêmica são conhecidos e podem auxiliar o trabalho do professor que pretenda ver seus alunos genuinamente envolvidos.

Uma queixa presente na maioria dos encontros de professores é: “Os alunos não têm interesse em aprender o que queremos ensinar”. Encontramos nas salas-de-aula alunos apáticos, com a atenção voltada para aspectos não relacionados com o conteúdo ali abordados esforçando-se ou comparecendo o mínimo necessário para garantir sua aprovação na disciplina. Esse fato afeta diretamente professores e alunos em função das áreas de estudo, dos níveis do sistema educacional e das características socioculturais de quem aprende, entre outras variáveis. No entanto, em toda ação educativa o professor deve responder à pergunta motivacional: “Como conseguir dos alunos um comprometimento pessoal com sua própria aprendizagem?”.

Saber motivar para a aprendizagem não é tarefa fácil. Motivar para aprender implica lançar mão de recursos não exclusivamente pontuais e que obedecem apenas a um momento determinado. O professor pode aproveitar algum recurso transitório como o teatro de fantoches para proporcionar uma situação de aprendizagem específica, mas, sobretudo trata-se de instaurar processos motivacionais que tendam a realimentarem-se nos alunos. Para isso, é necessário promover uma interação criativa e de qualidade com os alunos, baseada em conhecimento (GUIMARÃES, 1996, p.2, Conversa 4).

Quando nos deparamos com alunos aparentemente pouco motivados, tendemos a pensar que são desinteressados, que sua atenção está em outras coisas, que talvez não lhes interesse o que ensinamos porque não entenderiam. Acreditamos que a maioria dessas situações tem relação com programas excessivamente carregados, muitos alunos em sala-de-aula, falta de materiais, influência negativa da família, perspectivas de futuro incerto e professores desestimulados e descrentes. Tais constatações fazem com que tenhamos uma visão bastante pessimista da possibilidade em se motivar esses alunos, pessimismo este que aumenta à medida que avança a escolaridade (TAPIA e FITA, 2003, p.13).

A motivação, como se pode comprovar, não depende exclusivamente só do aluno, mas também do contexto. Daí a importância de os professores avaliarem e modificarem, se preciso, a meta que suas mensagens assestam,

já que ela define se é relevante para o aluno fazer ou aprender o que se pede.

A fixação de um determinado tipo de meta interfere diretamente no envolvimento com a aprendizagem, mostrado pelos educandos. Cabe então analisarmos os determinantes da escolha de uma ou outra meta. Um importante aspecto está relacionado ao clima criado em sala-de-aula, sendo este, em grande parte, ele é consequência da direção assinalada pelas diferentes ações que o professor implementa (GUIMARÃES, 1996, p.2, Conversa 4).

De acordo com Piletti, são muitos os aspectos abordados pelos estudos sobre a motivação no contexto escolar que podem auxiliar o professor a compreender os problemas e agir de modo efetivo para superá-los. No entanto, podemos ter como meta para esta análise, o envolvimento dos alunos com os conteúdos de nossas disciplinas, que refletem as nossas ações e as nossas orientações motivacionais como educadores.

Concordamos com PILETTI quando afirma que a motivação é fator fundamental da aprendizagem. Sem motivação não há aprendizagem. Pode ocorrer aprendizagem sem professor, sem livro, sem escola e sem uma porção de outros recursos. Mas mesmo que existam todos esses recursos favoráveis, se não houver motivação não haverá aprendizagem (1986, p.63).

Uma Proposta Metodológica para o Ensino sobre Teatro de Fantoques: Recurso para Professores

É hora de pensarmos mais em nossas crianças, nossos jovens e adultos, priorizando o educar brincando, o divertimento e a experimentação. Através do teatro de fantoques, levamos os alunos ao encontro da aprendizagem prazerosa, aliada a um mundo de sonhos e fantasias. Este recurso permite ensinar as mais variadas lições e conteúdos educacionais. Esta é uma ferramenta versátil, um recurso riquíssimo no desempenho desta tarefa de importância vital, como levar os educandos ao ensino de ordem social e intelectual.

O mundo dos fantoques é um mundo maravilhoso e fantástico, que pode atuar na vida de crianças, jovens e adultos de uma forma educativa e instrutiva. Por isso, este artigo tem como objetivo geral demonstrar aos educadores, que como forma de auxílio no processo educacional, o teatro de fantoques é efetivamente eficaz.

Sabemos das dificuldades que os educadores enfrentam no dia-a-dia; então a nossa proposta visa proporcionar facilidades com o uso do teatro de fantoques inserido nos conteúdos programáticos. Durante a presente pesquisa, percebemos a escassez de materiais direcionados a esta técnica. Encontramos materiais que dizem respeito ao teatro de fantoques como um recurso pedagógico, mas sempre tendo os alunos com atuantes ou personagens de atuação, e o professor presente, somente, como orientador deste processo.

Justificando a nossa pesquisa, demonstramos através da experiência vivida em nosso estágio (onde tal técnica se mostrou tão valiosa), que o teatro de fantoques, como recurso do professor, pode se tornar uma realidade presente dentro das salas-de-aula de crianças, jovens e adultos. A seguir, abordaremos passo-a-passo como esta técnica pode ser um aliado do educador que busca caminhos para melhorar o processo educacional do qual é responsável, detalhando metodologicamente como educar através deste recurso motivacional.

- 1º PASSO: Em primeiro lugar, propomos aos educadores um total domínio dos conteúdos programáticos a serem abordados em sala-de-aula, podendo ser referente a qualquer disciplina. É importante neste momento, o educador estar bem interado do conteúdo a ser trabalhado, dos objetivos que deseja atingir com a aplicação, para fazer com que os alunos se desenvolvam com a apresentação e que a assimilação dos conhecimentos seja significativa e concreta.
- 2º PASSO: Esta técnica se torna ainda mais eficaz, quando o professor se dispõe a trabalhá-la na interdisciplinaridade. Tanto no Português quanto em Ciências ou em Matemática, este recurso mostra o seu valor. Esta é a proposta inserida nos PCNs de todas as disciplinas: trabalhar os conteúdos fazendo uma ligação entre eles. É possível até a abordagem de várias disciplinas e temas em um único diálogo ou estória.
- 3º PASSO: O processo da elaboração deste planejamento se faz da seguinte forma: analisar o conteúdo que deverá ser abordado e avaliar os objetivos que deverão ser alcançados. Em seguida, o professor pode fazer uma relação, interligando o conteúdo a uma estória que pode ser inventada ou até mesmo adaptada de uma já existente. Esta fase requer do educador criatividade, paciência e comprometimento, mas constitui mais uma ferramenta de trabalho que pode se estender por outros anos. Após estar com a estória pronta, é momento de selecionar o material a ser utilizado para a aplicação. De preferência, a estória criada deverá exigir poucos personagens, para proporcionar maior facilidade na hora da exposição.
- 4º PASSO: Existe uma grande diversidade de materiais para a fabricação e a utilização dos fantoches. Podem ser bonecos, fantoches de mão, dedoches; podem ser feitos de cartolina e pintados, feitos de material reciclado, enfim, existem inúmeras maneiras para a montagem dos fantoches. Queremos garantir que para esta técnica ter êxito, não é necessário gasto financeiro elevado. Fundamental é a pesquisa do professor e a busca por diversas formas de construção e adesão dos fantoches aos conteúdos. Para o palco ou cenário, pode-se utilizar uma tábua forrada com feltro ou papel, um pano estirado, uma caixa de papelão revestida com papel ou plástico em cores alegres. Poderá ser também uma caixa de camisa com uma abertura onde aparecerão os fantoches, uma caixa de geladeira forrada e ornamentada que poderá até permanecer na escola, uma carteira virada, um lençol, um pano de mesa, a cortina da sala, entre outros. Enfim, para que esta técnica se torne realidade dentro da sala-de-aula é necessário por parte do educador comprometimento, criatividade e, acima de tudo, esperança de mudanças no sistema educacional.
- 5º PASSO: Com esta pesquisa de monografia, pretendemos fazer com que os professores acreditem que é possível a mudança, isto é, que podem melhorar o processo ensino-apren-

dizagem no cotidiano escolar com técnicas simples, porém muito motivadoras. Este recurso poderá ser utilizado pelo professor, tantas vezes quanto for necessário e cabe a ele definir com qual frequência esta técnica poderá ser aplicada. O educador deverá, primeiramente, interessar-se pelo recurso e ter a vontade de torná-lo real. Além disso, este precisa de disponibilidade para a elaboração do planejamento de aula e, sem dúvida, de muita criatividade, que é um fator central desta proposta. O teatro de fantoches é um aliado do professor e não necessita de curso específico e de gastos extras. No quadro abaixo figuram os elementos que a aplicação deste recurso tão valioso requer.

Aspectos que justificam e não justificam a utilização do teatro de fantoches:

| REQUER | NÃO REQUER |
|---|---|
| • Comprometimento | • Cursos específicos |
| • Vontade | • Alto custo financeiro |
| • Abertura à mudança | • Muito tempo para elaboração |
| • Crença na educação | • Fuga dos conteúdos |
| • Motivação | • Fuga dos objetivos da aula |
| • Criatividade | • Muito tempo para a aplicação |
| • Planejamento | • Muito tempo para a montagem |
| • Elaboração e responsabilidade | • Uso de material específico e caro |
| • Adaptações | • Grande quantidade de material |
| • Domínio dos conteúdos | • Muitas noções a respeito de artes |
| • Disponibilidade | • Um trabalho individual |
| • Muito amor | • Conhecimento de todas as histórias infantis |
| • Conhecimento sobre histórias infantis | • Descrença no possível |

82

Conclusões

Concluindo, estamos diante da técnica do teatro de fantoches, onde o nosso objetivo geral nesta pesquisa de monografia constituiu em proporcionar um auxílio aos educadores através da motivação em sala-de-aula. Para isso se faz necessário saber como motivar nossos educandos para um aprendizado crucial e significativo. Se o leitor nos perguntasse como motivar, responderíamos: “É só educar, recreando...”.

Referências

- ALMEIDA, Paulo Nunes. *Educação lúdica: técnicas e jogos pedagógicos*. São Paulo: Editora Loyola, 1998.
- BLOIS, Marlene Montezi; BARROS, Maria Alice Ferreira. *Teatro de fantoches na escola dinâmica*. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1967.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. *O que é educação*. São Paulo: Brasiliense, 1986.
- BUROCHOVITCH, Evely; BZUNECK, José Aloyseo. *A motivação do aluno*. Petrópolis: Vozes, 2000.
- CÓRIA-SABINI, Maria Aparecida. *Fundamentos de psicologia educacional*. São Paulo: Ática, 1988.
- FREIRE, Ana Maria Araújo. *A voz da esposa*. A trajetória de Paulo Freire. [199...], s/p.
- FREIRE, Paulo. *Educação e mudança*. 11^a. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.
- _____. *Pedagogia da indignação: cartas pedagógicas e outros escritos*. 3.^a ed. São Paulo: Unesp, 2000.
- GUIMARAES, Sueli Edi Rufini. *Motivação em sala de aula*. Londrina: Universidade Estadual de Londrina. Notícia, Encarte Especial. Conversa nº 4. (9 de outubro 1996).
- JAPIASSU, Ricardo. *Metodologia do ensino de teatro*. Campinas - SP: Editora Papyrus, 2001.
- LADEIRA, Idalina; CALDAS, Sarah. *Fantoches e Cia*. 2.ed. São Paulo: Scipione, 1993.
- LEI DE DIRETRIZES E BASES DA EDUCAÇÃO NACIONAL. Brasília: MEC, 1997.
- MACHADO, Maria Clara. *Como fazer teatrinhos de bonecos*. São Paulo, [19—].
- PCN – PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS – Arte. Brasília. 2000 DP&A.
- PILETTI, Nelson. *Psicologia Educacional*. 3^a.ed. São Paulo: Ática, 1986.
- PROGRAMA UM SALTO PARA O FUTURO. Educação de jovens e adultos: uma história negada. Série Educação de Jovens e Adultos. Programa n. 01, 05 de julho de 1997. Presidência da República, Secretaria de Comunicação Social, Fundação Roquete-Pinto, Departamento de Tecnologia Educacional, s/p.
- PROGRAMA UM SALTO PARA O FUTURO. Participando do fazer histórico: discussões emergentes. Série Educação de Jovens e Adultos. Programa n. 02, 05 de julho de 1997. Presidência da República, Secretaria de Comunicação Social, Fundação Roquete-Pinto, Departamento de Tecnologia Educacional, s/p

SAVIANI, Demerval. *A nova lei da educação; LDB; trajetórias, limites e perspectivas*. Campinas: Autores Associados, 1997.

TAPIA, Alonso Jesus; FITA, Enrique Cártula. *Motivação em sala de aula - O que é, como se faz*. São Paulo: Loyola, 1999, p.8 -13.

ZACHARIAS, Vera Lúcia Câmara. *O Lúdico na educação infantil*, 2004. p.1-3. Disponível em < <http://www.centrorefeducacionalpro...> disponível em br/Piaget.html>. Acesso em 13 de janeiro 2005.